

“GENTE DE QUEM VOCÊ É?”

Nilza Pinto de Queiroz

Essa pergunta, muito usada pelos mato-grossenses era dirigida à pessoas estranhas ao nosso meio, quando o Estado de Mato Grosso era uma “ilha”, navegável apenas na sua periferia...

Nossa estrada era o caminho natural, através dos rios, a começar pelo rio Cuiabá. Por ele chegavam mercadorias diversas, tais como:

- cerveja, que vinha embalada em palha;
- biscoitos estrangeiros, acondicionados em bonitas latas, sendo que, estas, futuramente, eram usadas para guardar objetos de costura;
- figurinos europeus (da Itália, da França);
- sal, o precioso condimento, do qual tanto se dependia... e irá se depender sempre, por questão geográfica;
- gente nossa, também chegava.

O cáis do Porto ficava movimentado...

- com “embarcadistas”, como eram tratados os servidores que trabalhavam a bordo;
- com changadores que descarregavam o navio;
- com novo carregamento, de mercadoria e de gente que se deslocava de Cuiabá.

De vez em quando, o barulho dos motores de avião da Força Aérea Brasileira, sobrevoando Mato Grosso, com escala nesta Capital...

Pois bem, nesse entra-sai de gente, chegou do Rio de Janeiro, na década de 40, um contingente do Exército, com militares que deveriam trabalhar na C.E.R. - 5 (Comissão de Estradas de Rodagem - nº 5), instalada, inicialmente, no Quartel do antigo 16º Batalhão de Caçadores,

para servir de apoio ao trabalho das estradas que dariam acesso a Rosário Oeste, Diamantino, Alto Paraguai, etc.

De passagem por Cuiabá, nenhuma mulher atendeu aos galanteios dos militares, porque se tratava de gente de fora, aos quais caberia a pergunta: “*gente de quem você é?*”, querendo indagar: de onde você saiu? Quem é seu pai, sua mãe ou seu avô?... Sim, porque, até então só se dava preferência - para namoro - aos mato-grossenses.

Segundo esse preconceito, uma tia minha ao ser chamada par escalarer sobre a procedência do namorado de sua neta, respondeu: “*Não sei nada a respeito; ele é desses homens aparecidos por aqui*”.

O contingente militar se estabeleceu no interior de Rosário Oeste município que sempre se destacou pelas famílias bem constituídas, pela juventude estudiosa, pelo povo lutador.

Naquelas bandas, também as mulheres não fizeram festa com os militares... e eles se sentiram desprezados pelas mato-grossenses.

Após a conclusão do trabalho, os militares, vindos do Rio de Janeiro - naquela época, capital do país -, resolveram fazer um desabafo, tecendo as seguintes comparações com a suposta superioridade que ostentavam, a saber:

- eles, do Rio de Janeiro; nós de Mato Grosso;
- eles da capital federal: nós, de Estado do interior do Brasil;
- eles, criaram-se à beira-mar; nós, só conhecíamos rio;
- eles, usufruíam de boa luz elétrica; nós, tínhamos precária energia, o que nós obrigava, rotineiramente, ao uso de vela ou lamparina;
- eles, da “*Cidade Maravilhosa*”; nós da “*Cidade Verde*”;
- eles, só dormiam na cama; nós, usávamos rede;
- eles, enchiam a boca ao falar em camarão; nós, conhecíamos somente peixe de água doce;
- eles, viajavam de avião; nós, conhecíamos - de vista - os aviões da FAB;
- eles, achavam-se muito desembaraçados; nós, no seu conceito, éramos matutas;
- eles, viviam no asfalto; nós, lutávamos contra a poeira.

Por essas e por outras, os militares, em represália, fizeram uma música para as mato-grossenses, cuja letra transcrevemos a seguir:

“Lá em Rosário, já fomos classificados/ Todos nós já temos preço como coisas do mercado/ Essas granfinas da ‘Cidade Escuridão’/ Só conhecem a tal da rede nunca dormem em colchão/ Pensando elas que pacu é camarão/ Lamparina é luz elétrica/ E urubu é avião.

Nós que viemos da ‘Cidade Maravilha’/ Estamos conhecendo as matutas do sertão/ Sabendo elas que soldados brasileiros/ Não topam filhas de bugre nem resto de garimpeiro.

Nossa resposta pr'esta classificação/ É que as ‘granfas’ de Rosário só se vestem de chitão/ Andam arrastando o chinelo na poeira/ E sentam na cadeira de caixote de sabão.”

Os rapazes do bairro Mundéo, afeiçoados ao violão, reuniam-se na calçada de D. Larissa Bicudo, a fim de cantarolar as músicas do momento. E quando estavam despeitados por amores não correspondidos, ofereciam às cuiabanas as músicas acima - Zelito Bicudo (filho da D. Larissa), Hélio Camacho, Paulo Camargo, entre outros musicistas, rodeados pelos então estudantes Anísio Sabo Mendes, Manoel Miranda que, no futuro, se tornaram médicos.

Voltando aos militares, eles tentavam desmerecer as mulheres de Mato Grosso, citando os bens materiais que aquela civilização já havia conquistado; enquanto, nós, interiorianas, defendíamos outros valores, quais sejam: o valor do homem mato-grossense; a riqueza da nossa flora e da nossa fauna; o rico trabalho das redeiras do rio-abaixo e do rio-acima; a nossa preocupação com escolaridade, com educação de filhos, com a saúde, com a religião, enfim, com valores filosóficos muito superiores, que tornaram o mato-grossense dotado de condições para ser Gente!

Hoje, com a estrada-mestra construída no Governo do Presidente Kubitscheck e com a era do avião cruzando nossos céus, não há distanciamento que não possa ser vencido. Se quiser saber “*Gente de quem você é?*” como o Liu Arruda pergunta, basta solicitar a informação aos canais competentes, que a resposta virá por tele-fax, mostrando a folha corrida do pretendente. Para que essa facilidade chegasse a nós, foram precisos 50 anos, aproximadamente!... Assim acontecem as mudanças ao longo da História.